
Um rosto contraído, contrariado: desafios de pensar cultura material em fronteiras: arqueologia e imigração italiana no Sul do Brasil (Caxias do Sul, século XIX)

A contracted face, countered: challenges of thinking in material culture boundaries: archaeology and italian immigration in southern Brazil (Caxias do Sul (RS) nineteenth century)

José Alberione dos Reis*

Resumo: A Região Nordeste do Rio Grande do Sul tem sido, já por vários anos, contemplada com pesquisas no campo da arqueologia pré-colonial. A problemática aqui enfocada se insere no campo da arqueologia pós-colonial e da arqueologia comunitária. Trata-se de um trabalho inédito e pioneiro nessa região. Além disso, inserido nessas circunstâncias, vai colaborar e acrescentar conhecimento ao que já vem sendo pesquisado pela história, antropologia e sociologia.

Palavras-chave: Arqueologia pública. Arqueologia comunitária. Identidade. Fronteiras. Imigração.

Abstract: The northeast Rio Grande do Sul – Brazil – has been, for several years, contemplated with researches in the field of pre-colonial archeology. The debate that follows is seated in the field of post-colonial archeology and community archaeology. This is a pioneer work about this region. Moreover, in these circumstances, this work will collaborate and add knowledge to the set of what has been investigated by history, anthropology and sociology.

Keywords: Public archaeology. Community archaeology. Identity. Frontiers. Immigration.

* Doutor em História pelo PPG em História da Unicamp (Universidade de Campinas/SP). Professor no Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Rio Grande (UFRG).



“[...] de modo que quando ele resolveu se instalar em Buenos Aires para exercer a nova disciplina de acordo com seus princípios, me transformei com toda a naturalidade em seu ajudante. Nem é preciso dizer que antes de tomar sua decisão definitiva ele me interrogou a fundo sobre a região e seus habitantes [...]”. (SAER, J. J. *As nuvens*, 2008, p. 17).

E então?

A manhã é em dezembro de 2009. Promete muito calor. Um imenso Sol radiante ilumina forte os vales encaixados com seus imponentes peraus rochosos. Estamos em Forqueta, interior do Município de Caxias do Sul (RS). A equipe² do Laboratório de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Caxias do Sul (Leparq) está em trabalho de campo. É nossa segunda visita à área piloto. Atua no projeto de pesquisas “Arqueologia das Identidades: unidades domésticas da imigração italiana e da ocupação luso-brasileira no Município de Caxias do Sul/RS (século XVIII/século XIX)”. O local é a propriedade da família Dezen, às margens do arroio São João, Capela São João.

Chegamos em torno das 8h30min. Somos recebidos pelo abrangente sorriso de José Dezen. Cumprimentos e apresentações. As câmeras de fotografia e de filmagem em ação, ouvidos atentos, anotações, cheiros, pássaros, um grande papagaio conversador. Conversamos e andamos. Dezen nos guia pelo interior da imensa e antiga casa onde ainda mora com seus familiares. Vai nos mostrando, apontando detalhes, falando e contando suas histórias: os antepassados que vieram da Itália, as genealogias dos parentes. A casa tem uma grande sala central, ladeada por várias portas que indicam aposentos. Ali havia uma mesa de 6m de comprimento. Por muito tempo foi local de convivências diárias de duas famílias, em torno de 18 pessoas. Nas paredes, várias fotos antigas e esmaecidas: pessoas, casamentos, devoções religiosas. O sorriso de Dezen preenche essa sala, todas as suas narrativas.

Conta que, desde o fim dos anos 70 (1800) até os últimos da primeira década do século XX, nessa propriedade, existiu um entreposto de uma cooperativa vitivinícola, uma ferraria, uma sapataria, um alambique e uma usina hidrelétrica de baixa potência. Já estamos percorrendo caminhos pela propriedade. Dezen aponta para o local onde estão ruínas da antiga casa da família Postali que ali assentou moradia

naqueles antigos fins do século XIX. O Sol agora está intenso. Já são 11 horas. O sr. Dezen sempre falando, faceiro, o sorriso presente, marcante. Estamos nos cansando, e é hora de ir embora.

Voltamos para a imensa casa. Água boa, fresquinha para amenizar o calor. Conversas finais entre nós. Encosto-me na porta. Olho para Dezen. Vou dizendo que estamos ali para ações de uma pesquisa arqueológica, quais são e como serão. Hoje foi uma visita, conversas, contatos. Num futuro próximo, trabalhos de campo. Quem sabe escavações no local das ruínas da antiga casa, às margens do arroio São João. Nesse momento, desaparece o sorriso de Dezen. Seu rosto fica contraído, contrariado. Secamente, rapidamente, e faz as despedidas.

No carro, de volta ao Leparq, a equipe está em silêncio. A reação de Dezen nos impactou, nos paralisou. Em que erramos? Como acertar, incluir e envolver as pessoas em presença, atuais moradoras na área piloto, e nós da academia nas trilhas dessa tal de arqueologia pública e comunitária?

Essa visita e sua cena final foram o mote que busquei para apresentar, neste texto, considerações e conceituações gerais sobre essa arqueologia pública e comunitária e algumas ponderações em torno do potencial interpretativo da cultura material de unidades domésticas da imigração italiana no Sul do Brasil, nos fins do século XIX. É um cenário de pessoas em desafiantes fronteiras, em movimentos diaspóricos, em construções híbridas de uma materialidade da vida cotidiana. Quanto aos relatos de experiências e de experimentações, andamentos e ações precípuas do projeto não abordarei neste texto.³ Escrevo com o intuito de pensar algo sobre conceitos e teorias em torno das possibilidades interpretativas de uma pesquisa arqueológica sobre a cultura material advinda de modos de vida em unidades domésticas da imigração italiana, no Sul do Brasil, Município de Caxias do Sul.

Sobre arqueologia, arqueologia pública e comunitária

A arqueologia, como campo de produção do conhecimento, possui uma longa trajetória no Brasil, a qual amadureceu no século XIX e se consolidou ao longo do século XX. Em todo esse período, a arqueologia brasileira acompanhou o desenrolar das transformações ocorridas nesse campo. Transformações essas que se processavam nos aspectos metodológicos e teóricos da disciplina conforme amplamente estudadas



por Ferreira (2007, 2002, 2001a, 2001b, 2000, 1999). Contudo, esteve por muito tempo marcada por uma visão que é característica do senso comum com respeito à arqueologia, a de que sua essência se resume à escavação, conforme verifica Funari (2007):

O empirismo que esteve subjacente à primeira leva de arqueólogos acadêmicos fez com que se igualasse Arqueologia e escavação. Entenda-se escavação no sentido de trabalho de campo, não todo o processo que começa com um problema, que se desenvolve em um projeto de intervenção no campo, que gera artefatos a serem estudados, que implica em publicações, que, enfim, produz conhecimento. (p. 149).

Com a afirmação de diferentes correntes teóricas, destaca-se a consolidação da arqueologia como campo autônomo, dotada de marcos teórico-metodológicos próprios e responsável por uma substancial produção de conhecimento científico. Por meio da cultura material, os arqueólogos buscam estabelecer relações entre os humanos, mediadas pelas “coisas” que produzem. Cabe, assim, compreender a cultura material como expressão das escolhas socioculturais, das técnicas, dos métodos e conhecimentos que determinam sua confecção, bem como das ideias, dos sentidos, das intenções e dos elementos simbólicos dos quais se encontra igualmente carregada.

O acima exposto é visto pelo viés da arqueologia. Saliento, porém, que, em relação à temática do projeto acima apresentado a produção do conhecimento arqueológico, no Brasil, ainda é incipiente.

No entanto, por outro, constata-se que a história, a antropologia, a sociologia, a arquitetura, a linguística, entre outros campos, já vêm se dedicando, desde 1975 aos mais variados temas relacionados à imigração italiana. É o que destaca Mocellin (2008):

A década de 1970 foi marcada por uma significativa produção sobre o tema da imigração italiana e seus desdobramentos. São obras produzidas por intelectuais locais de ascendência italiana, que tratam dos aspectos históricos, culturais, econômicos e lingüísticos da imigração. (p. 48).

Já está [a imigração italiana] intensamente considerada em vários campos do conhecimento. Posso destacar, na ampla produção bibliográfica, os trabalhos de De Boni e Costa (1984), Posenato (1983), Mocellin (1993), Giron e Bergamaschi (2005), Giron (1977), Machado



(2001), Costa (1976), Iotti (2001), Maestri (2005), Zanini (2006), Tedesco (2004), Frosi e Mioranza (2009), dentre tantos outros. Nessa mesma verve, salientam-se os trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelo Projeto Ecirs, tais como os de Ribeiro e Pozenato (2001, 2002, 2004, 2005), Pozenato (2003), Ribeiro (2005). Além dessa produção, essa temática vem sendo abrangida também por estudos gerais, dentre eles, podemos apontar os de Franzina (2006), Petroni (1982), Machado (1999) e Seyferth (1990).

Não só da história, mas também da literatura a imigração italiana recebe importante destaque com a obra literária de Pozenato (2006, 2000, 1997) e de Battistel (1998).

A partir dessas constatações, posso afirmar que a pesquisa arqueológica aqui apresentada fomentará um campo inédito e pioneiro no âmbito dessa temática. A arqueologia, como um campo autônomo com suas teorias e metodologias, vem a contribuir e ampliar o já pesquisado e narrado.



Seguindo as premissas acima constatadas acerca da cultura material e das possibilidades interpretativas que a arqueologia apresenta a partir dessa, esta pesquisa busca uma arqueologia que contemple os aspectos históricos, culturais, patrimoniais e identitários relacionados à imigração italiana na área do Município de Caxias do Sul. Trabalha como eixo temático inicial, mas não como único, as unidades domésticas. No entanto, sublinho que a arqueologia aqui pensada é aquela que considera as questões identitárias como ponto de partida para pensar os aspectos da constituição patrimonial e sua vinculação com a cultura e a história. Contempla dois objetivos principais: 1 – interpretar os significados e os sentidos discursivos de práticas cotidianas, relacionadas à cultura material das unidades domésticas identificadas arqueologicamente, referentes à imigração italiana, e a ocupação lusa no Município de Caxias do Sul (século XVIII/século XIX), como signos e manifestações, que expressam a existência de identidades culturais de grupos humanos em diáspora e em deslocamento num processo de diferenciação de culturas; 2 – propiciar a construção de sentimentos e ações de pertença em relação aos testemunhos arqueológicos evidenciados, visando à ressignificação e à apropriação pelos grupos sociais envolvidos com a pesquisa.



Assim, se buscará, em futuras ações, a vinculação entre a cultura material identificada pelas pesquisas arqueológicas e os grupos sociais em presença, seus elementos identitários e suas concepções acerca do patrimônio que emerge das relações entre cultura material e identidades.



Por um lado, estará a matriz documental, aquela presente na ampla produção bibliográfica existente sobre a imigração italiana, na área em questão. Também estarão os fundos documentais existentes nos arquivos locais, regionais e estaduais, na forma de escritos, iconografias, fotografias, plantas, croquis e mapas. Por outro lado, estarão as narrativas, oralidades, atribuições de significado que constituem o repertório local de elementos do passado, mas potencialmente presentes na atualidade. Contrastar as concepções estabelecidas pela historiografia, as informações documentais e imagéticas com as concepções locais será, portanto, uma forma de dar início a uma discussão/reflexão com as comunidades em presença acerca da arqueologia, de seus saberes e fazeres, indicando os caminhos para futuras intervenções de campo.



Considerando que, até o presente momento, a intervenção da arqueologia foi incipiente ou nula no tocante às questões relacionadas a essa ocupação específica, vislumbra-se um campo relativamente novo de pesquisas. Orientada pela aplicação da arqueologia pública, deverá estimular o envolvimento da sociedade na reflexão sobre as concepções de identidade e a sua construção histórico-cultural, processo esse que se dará pela inclusão e participação ativa da sociedade na elaboração do conhecimento arqueológico.



Teorias: considerações

Aquí apresento alguns dos referenciais teóricos que sustentam a problemática e a metodologia deste projeto. Conceitos, tais como: hibridismo (KALRA et al., 2005; YOUNG, 2005; BHABHA, 2005; BURKE, 2003), *habitus* (WACQUANT, 2004; BOURDIEU, 1998), unidades domésticas, práticas cotidianas, diáspora (KALRA et al., 2005; GILROY, 2008; HALL, 2003), cultura material, fronteira, identidade, signo (SANTAELLA, 1983), entre outros, compõem a teia teórica.

Quais parâmetros devem ser clareados e estabelecidos visando a firmar o compromisso social da arqueologia⁴ com pessoas que desejam e querem saber sobre os passados? (ALMEIDA, 2003). Ao responder, afirmo que somos, como arqueólogos, aqueles que fazem, organizam, constroem e até inventam os passados. São construídos e se presentificam nos textos que produzimos. Estão entranhados com sentidos de interpretação (ORLANDI, 2000) e inseridos em influências socioculturais, históricas e ideológicas. Além disso, a proposta da pesquisa é fazer uma arqueologia



aberta e suscetível à multivocalidade (GNECCO, 2001, 2009) advinda de pessoas simples, sem a posse do conhecimento acadêmico, do povo, que também querem falar e ser ouvidas em relação ao que a voz da ciência arqueologia institui como pesquisa e registra como sítios arqueológicos.

A proposta acima apontada está diretamente vinculada a caminhos que vêm sendo trilhados pela tal de arqueologia pública e comunitária. Saliento um conceito em relação à ampla esfera de ação do que vem sendo denominado arqueologia pública (FUNARI, 2004; McManamon, 2000).

A Arqueologia Pública engloba um conjunto de ações e reflexões que objetiva a quem interessa o conhecimento produzido pela Arqueologia; de que forma nossas pesquisas afetam a sociedade; como estão sendo apresentadas ao público. É inerente ao exercício da profissão. (PYBURN; BEZERRA, 2006, p. 46).

Ela também vem sendo conhecida como “arqueologia comunitária” (FERREIRA, 2008). Significa o envolvimento das comunidades em presença nos processos de produção, na interpretação arqueológica e nas políticas de gestão do patrimônio cultural. Tem sido apresentada como uma nova teorização sobre as relações entre o passado e o presente, entre a pesquisa arqueológica e o público. (MARSHALL, 2002, p. 211). Caminha por sendas críticas aos modelos normativos de cultura que dizem sobre o que é e o que não é patrimônio, memória e cultura. Assim, por outras ênfases, a arqueologia comunitária enfatiza o protagonismo das comunidades em presença, no palco de atuação das pesquisas arqueológicas, estimulando decisões sobre o que exibir e o que apresentar como patrimônio cultural. Provoca ações de experimentação e de discussão sobre especificidades históricas, sociológicas e antropológicas em relação às identidades e aos patrimônios culturais afins. Ferreira (2008, p. 87) aponta que a arqueologia comunitária “oferece-nos metodologias propícias para reconsiderarmos o trabalho com o público”. Podemos destacar alguns pontos que abrangem tais metodologias: a comunidade em presença como ativa colaboradora e atuadora em pesquisa arqueológica; equipe de arqueólogos e a comunidade em presença, atuando conjuntamente em ações de campo e de laboratório precípua da arqueologia, bem como nas ações de gestão do patrimônio cultural que o envolvem; constantes pesquisas de história oral; construção de um arquivo visual que englobe filmes, fotografias, artes visuais, material cartográfico, etc.



Arqueologia pública, arqueologia comunitária são estímulos para a construção de confiança nas propostas de pesquisa arqueológica. Um dos pontos principais de atuação dessas abordagens é desfazer a oposição existente entre conhecimento científico da arqueologia e conhecimento popular das comunidades em presença em relação ao seu passado. É a tentativa de desfazer a barreira epistemológica entre a academia e o público dito leigo. Atua no estímulo da cidadania popular visando a compromissos que rompam lugares de poder acadêmicos no interior das universidades. Visa a alcançar, o mais plenamente possível, o público que a pesquisa envolve.

Quem somos nós enquanto somos pesquisadores e pesquisadoras? Por que e para quem construímos passados? Essas questões apontam para os tipos de arqueologia que praticamos, os lugares de nossos engajamentos sociais e políticos, os nossos afetos e as nossas narrativas (GILCHRIST, 2005) em relação às diversas conexões das práticas arqueológicas. Essas atuam na elucidação e interpretação de etnicidades e identidades; narrativas arqueológicas a serviço do Estado; patrimônio e nacionalismo (LÓPEZ-AGUILAR, 2002); colonialismo e pós-colonialismo (LIEBMANN; RIZVI, 2008); arqueologia do capitalismo (LIMA, 2002). É uma *práxis* arqueológica que instiga experiências de identidade cultural e de engajamento político. “Vincula fluxos de poder e de diferença, seja isto nacional, racial, étnico, religioso, sexual, de gênero, de classe ou do que mais for.” (MESKELL, 2002, p. 293).

“Ser um arqueólogo é, em outras palavras, um ato social.” (MATTHEWS, 2004, p. 1). Provoca um jogo onde se infiltra parceria ou rivalidade. (NAJJAR, 2002). Nesse sentido, é o que Hodder (2003, p. 62) refere: instigar a arqueologia num caminho de reflexividade. Isso significa que “a Arqueologia deve agora ser definida não como o estudo dos vestígios materiais do passado, mas como um particular modo de indagar sobre a relação entre as pessoas e seus passados”.

Aqui uma pequena parada.

Explícito o entendimento sobre dois conceitos: *diáspora* e *hibridismo*. Para começo, posso dizer que, teoricamente, diáspora e hibridismo são conceitos muito próximos e imbricados. Ambos estão intimamente relacionados com estudos sobre a temática da identidade e da etnicidade de grupos humanos.

O conceito de diáspora implica duas abordagens: dentro de uma heurística descritiva ou considerá-lo no âmbito de processos. A primeira interessa-se por categorizações e suas devidas implicações. A segunda

propõe criticar categorizações e essencialismos nelas incluídos. Vou pela segunda. Essa perspectiva também questiona a ideia e a imposição de pertencimento a um Estado-nação. Contrapondo essa circunstância, delinea conceituações de “consciência diaspórica”, “multivocalidade”, “desterritorialização”, dentre outras. (KALRA et al., 2005). Enfrenta a rigidez epistêmica encontrada nas proposições que ligam imigração/imigrantes com nação/nacionalismo. Sigo o que diz Hall (2003, p. 16) sobre diáspora: “Enfoca sempre o jogo da diferença, a *differance*, a natureza intrinsecamente hibridizada de toda a identidade e das identidades diaspóricas em especial.”

“Diáspora” enfrenta o simples essencialismo da modernidade que enfatiza filiação e pertencimento a um único Estado-nação. Pensar sobre formações populacionais diaspóricas é destacar um movimento transnacional que envolve as mais variadas formas de comunicação, de investimentos de capitais e deslocamentos de diferentes grupos humanos. Torna o patriotismo – outro essencialismo – redundante ao enfatizar vínculos transnacionais e diversas ligações étnicas e culturais entre grupos humanos que, ao se combinarem, criam novas formações sociais.

Assim posto, passo ao outro conceito.

É o instigante terreno movediço do hibridismo pelos campos do conhecimento das humanidades. Marca, ao mesmo tempo, aquilo que é o mesmo, lá das origens, e aquilo que é o novo, no encontro de fronteiras em relação a grupos humanos em diáspora. Dá atenção aos intrincados processos culturais de contatos, de fusões, de diferenças, de intrusões e de disjunções. (STRELOW, 2009). Pelo século XIX, *híbrido* referia-se a fenômenos fisiológicos. No agora, em termos pós-coloniais, faz referência a fenômenos culturais de amalgamação. Nesse sentido, pode atuar simultaneamente de duas maneiras: de um lado, criando novos espaços de hegemonia, novas estruturas e cenas sociais, de outro, inserido num processo diaspórico intervém – a partir de quem chega e por meio de quem ali já está – com formas de subversão, de tradução e de transformação.

Na sua formação mais simples, o hibridismo implica, contudo, um despedaçamento e uma reunião forçada de coisas vivas dessemelhantes, qualquer que sejam elas [...]. O hibridismo pode, igualmente, consistir em forçar uma entidade a dividir-se em uma ou mais partes, em cortar um objeto em dois, convertendo-se a igualdade em diferença [...]. O hibridismo transforma, assim, a diferença em igualdade e a



igualdade em diferença, mas de forma tal que a igualdade não seja mais o mesmo e o diferente não mais simplesmente o diferente”. (YOUNG, 2005, p. 32).

Outro importante conceito a ser trabalhado, na interpretação da cultura material da vida cotidiana, é o de fronteira. Pensando no plural, *fronteiras* são ambíguas, fluidas. Estabelecem condições para que algo seja dividido, delineado, controlado. Grupos humanos em fronteiras emergem num cenário de paisagens fragmentadas. Suas instâncias de cultura, do social, do político se distinguem por meio de processos fluídicos. As lealdades, os confrontos e as identidades das pessoas que as compõem são múltiplas. Fronteiras marcam espaços onde se caracterizam dispositivos passíveis de serem capturados, colonizados, domesticados. Pensar sobre fronteiras é quase, obrigatoriamente, pensar em maneiras de conceituá-las.

Sobre essa temática, a historiografia norte-americana destaca que o conceito de fronteira apresenta forte analogia com o de expansão colonial. Já para a historiografia europeia é visto como possível sinônimo de territorialidade-limite. Uma dualidade que se instala entre duas unidades políticas, sociais e suas respectivas delimitações. Naum (2010) concebe fronteiras como sendo

zonas de interação que estabelecem e mantêm relações interétnicas; implicam contextos de construção, de negociação e de manipulação de identidades e de inovação de modos de vida de seus residentes [nas fronteiras] e dos de fora desta paisagem. (p. 104).

Nesse viés, o conceito de identidade requer explicitação. Não somente por sua polissemia,⁵ mas também por estar imbricado nos efeitos de sentido⁶ discursivos da diferença quando encarada no desafio de se trabalhar com *identidades*. (MENESES, 1987; ARENDT; PAVANI, 2006; SANTOS, 2005; COELHO, 2002; KRETZMANN, 2007; OLIVEIRA, 2006; HALL, 2000; WOODWARD, 1997). Para tal, concordamos com Larrain (2003) quando diz que

a identidade, portanto, é a capacidade de considerar-se a si mesmo como objeto e, nesse processo, ir construindo uma narrativa sobre si mesmo. Porém, esta capacidade só é adquirida em um processo de relações sociais mediadas por símbolos. Os materiais simbólicos com os quais se constrói esse projeto são adquiridos na interação com os outros. (p. 32).



Parafrazeando Silva (2000, p. 97), podemos dizer que identidade *não é* essência, dado natural, fixa, estável, coerente, unificada, permanente, homogênea, definitiva; identidade *é* construção, efeito, processo, relação, instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. Está ligada a estruturas discursivas e narrativas, a sistemas de representação e a estreitas conexões com relações de poder.

Pensar e atuar numa pesquisa arqueológica, tendo por base considerações sobre hibridismo, fronteiras, identidades e outras mais, cutuca sendas pela verve das teorias pós-coloniais. (MOORE-GILBERT, 2000). Por essas veredas sugiro que uma possível arqueologia pós-colonial possa ser compreendida como sendo uma articulação entre os estudos pós-coloniais e a pesquisa arqueológica sob três principais aspectos:

- 1) interpretativamente ao investigar episódios do passado da colonização e do colonialismo através do registro arqueológico; 2) historicamente ao destacar o papel da Arqueologia na construção e na desconstrução dos discursos coloniais; 3) metodologicamente ao propiciar a descolonização da disciplina e orientar por uma prática ética da Arqueologia contemporânea. (LIEBMANN; RIZVI, 2008, p. 4).

Esses três aspectos acentuam alguns dos marcos teóricos fundamentais que já fazem parte da pesquisa arqueológica nas Américas: a) investigações sobre hibridismo e diáspora nas formações culturais e sociais pós-coloniais; b) o desmonte de essencialismos construídos nos discursos coloniais; e c) abrindo caminho para a multivocalidade das vozes silenciadas nesses mesmos discursos.

Acentuar por meio de um sentido discursivo pós-colonial é marcar outros lugares de enunciação do confrontar o confronto. Nesse sentido, acentua Toro (1997):

A pós-colonialidade não é excludente, senão que inclui a diversidade e a diferença, isto é, a interação de diversas séries codificadas do conhecimento com a finalidade de desmascarar aquilo que no colonialismo e no neocolonialismo havia sido instaurado como *a* história, como *a* verdade irrefutável, como o contraditório, como o irregular. (p. 29, grifos do autor).

Em suma, os campos da pós-colonialidade e suas respectivas distinções e conceituações recortam eventos e acontecimentos muito



diferenciados, o que torna mais pertinente, em termos teóricos e políticos, o uso das categorias distintas aqui propostas.

Assim posto, posso dizer que uma pesquisa arqueológica, interessada na cultura material, advinda de modos de vida cotidianos de imigrantes italianos no Sul do Brasil, terá amplos e férteis campos interpretativos a partir das conceituações de hibridismo, diáspora e fronteira. Obterá um forte apoio nas teorias pós-coloniais interessadas nas problematizações que conjugam relações humanas e cultura material, que imbricam negociações, preservações ou trocas de identidades sociais e culturais no complexo universo das fronteiras. “Oferecem um conjunto conceitual para nuançar processos culturais e suas bases, para descrever diversidade e trocas de interações entre humanos e entre humanos-objetos nas zonas de fronteiras”. (NAUM, 2010, p. 106).

Já proseei o suficiente!



Vou ficando por aqui. Neste finalmente, trago algumas pistas que poderão instigar possibilidades interpretativas imbricadas, nas considerações de uma pesquisa arqueológica, aqui apresentadas.

O que veio dentro dos baús d@s imigrantes? Suas tralhas domésticas, suas roupas e ferramentas, suas ideias de novos mundos e paisagens, seus anseios de liberdade pela posse da terra e riquezas. Quando chegou no novo país, abrem esses baús. O que vai saindo de dentro e se recriando nessa nova vida de estrangeir@s? Em relação a essa cena dual – o que veio e o que é criado após a chegada – destaca Fausto (1998):

A imigração representa um profundo corte com vários desdobramentos, no plano material e no plano do imaginário. O corte não é sinônimo de apagamento de uma fase passada, na vida individual, familiar ou de grupo, integrando-se, pelo contrário, ao presente, com muita força. (p. 15).

Aqui a intensidade do ineditismo e de novas interpretações advindas de uma arqueologia sobre esses/essas imigrantes: qual cultura material veio, foi inventada e recriada para não apagar vidas passadas e para que novas vidas prosseguissem na nova terra estranha e diferente? A arqueologia aqui pensada tem o potencial desafiador de perguntar, por meio da cultura material d@s imigrantes: que mundos foram deixados? Como

se manifestam desejos de voltar? Que mundos não mais serão vistos e reconhecidos.

Desde 1975 a academia vem produzindo – por vias da história, antropologia, linguística e outras tantas – como já destacou Mocellin (2008), discursos vários sobre a temática da imigração italiana no Sul do Brasil. Construiu mitos (HERÉDIA, 2005) e não poucos. Esses são referidos a temas de isolamento geográfico, fome, penúrias, questões étnico-raciais, religiosidades, identidades étnicas, dentro outros. Sobre o mito da fome e seus correlatos, do comer e da culinária, assim se refere Ribeiro (2010, p. 6): “Não parece plausível ou, pelo menos, merece ser examinada com cautela a notícia de que os colonos imigrantes passavam fome nas décadas iniciais do processo de ocupação e desenvolvimento das colônias.” Pensando sobre questões do chamado processo de branqueamento que a geopolítica do império brasileiro construiu no século XIX, Beneduzzi (2011) discute sobre

determinada leitura positiva da influência étnica e social dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, em contraste com as teorias da democracia racial e da regeneração dos “males que vêm com o sangue”, a partir do processo de branqueamento.⁷

Bueno! Os mitos já estão em lidas de desdobramentos, desconstruções. Aqui também se insere o potencial interpretativo da arqueologia que estuda a cultura material de imigrantes.

Por fim, faço apenas referências a colegas que já estão, ainda que por outras teorias e possibilidades, estudando arqueologicamente grupos humanos e suas fronteiras. Trata-se dos trabalhos de Senatore (2007), Schávelzon (2003), Symanski (2007) e Ferreira (2009). Contemplam e atuam, por meio da arqueologia, temáticas que articulam narrativas e materialidades advindas de estudos sobre processos de povoamento, escravidão, arqueologia pública, práticas religiosas. São estudos sobre fronteiras, grupos humanos em movimento, em diáspora.

E o rosto contraído, contrariado de Dezen?

Fica no ar, no impacto e nos desafios futuros para a equipe do Leparq e nas continuidade desta pesquisa arqueológica sobre a cultura material dos imigrantes em Caxias do Sul.

Notas

¹ Este artigo advém de um tempo já passado de convivências, de partilhas, de amizades e de carinhos tantos quando eu integrava a equipe do Laboratório de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Caxias do Sul (Leparq). Atualmente (2010), faço parte do grupo de colegas e de professores do curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande (Furg).

² Maria Beatriz P. Machado – historiadora; Olavo R. Marques – antropólogo; José Alberione dos Reis – arqueólogo; Luiza P. Rech – acadêmica do curso de História da UCS e alunas do segundo ano do Ensino Médio da Escola Estadual de 1º Grau José Generosi – Caxias do Sul.

³ Sobre esse assunto, consulte-se Reis, Machado e Marques (2009).

⁴ Em setembro de 2009, aconteceu, na cidade de Belém – PA, o XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, cujo tema foi “Arqueologia e Compromisso Social: construindo Arqueologias Multiculturais e Multivocais”. Teve como principal

proposta discutir o compromisso social do arqueólogo e a socialização da produção do conhecimento arqueológico, no sentido de que a profissão seja exercida com o respeito devido à diversidade cultural e à pluralidade de vozes que devem estar presentes para a reconstrução do passado. Esse eixo temático implica discutir, também, o acesso aos bens arqueológicos e ao conhecimento produzido sobre eles, bem como as estratégias de proteção e preservação, ampliando-se o debate sobre o que, por que e como preservar.

⁵ “Deslocamento, ruptura, emergência do diferente e da multiplicidade de sentidos no discurso.” (FERREIRA, 2001, p. 21).

⁶ “Diferentes sentidos possíveis que um mesmo enunciado pode assumir de acordo com a formação discursiva na qual é (re)produzido.” (FERREIRA, 2001, p. 14).

⁷ No interior da citação, as aspas estão no original. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. Acesso em: 10 ago. 2010.

Referências

- ALMEIDA, M. B. de. O público e o patrimônio arqueológico: reflexões para a arqueologia pública no Brasil, *Habitus*, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 275-295, jul./dez. 2003.
- ARENDETT, J. C.; PAVANI, C. F. América: a anti-utopia da imigração italiana. *Conexão – Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, Educs, v. 5, n. 9, p. 219-241, 2006.
- BATTISTEL, A. I. *Polenta e liberdade*. Porto Alegre: EST, 1998.
- BENEDUZZI, L. F. Por um branqueamento mais rápido: identidade e racismo nas narrativas do álbum do Cinquentenário da Imigração Italiana no Sul do Brasil. *Antíteses, Ahead of Print*, v. 4, n. 7, jan./jun. 2010. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. Acesso em: 10 ago. 2011.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- BURKE, P. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2003.
- COELHO, L. A. L. Tal objeto tal dono. In: LOPES, L. P. de M.; BASTOS, Lílina. *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Ideias, 2002. p. 69-81.
- COSTA, R. et al. *Antropologia visual da imigração italiana*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educs, 1976.
- DE BONI, L. A.; COSTA, R. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EST, 1984.
- FAUSTO, B. Imigração: cortes e continuidades. In: NOVAIS, F. (Coord.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 13-62. v. 4.
- FERREIRA, Lúcio M. Arqueologia da escravidão e arqueologia pública: algumas interfaces. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, Belo Horizonte, Laboratório de Arqueologia/Fafichh-UFMG, v. 3, n. 1, p. 7-24, jan./jun. 2009.
- _____. Sob fogo cruzado: arqueologia comunitária e patrimônio cultural. *Revista Arqueologia Pública*, São Paulo, n. 3, p. 81-92, 2008.
- _____. *Território primitivo: a institucionalização da arqueologia no Brasil (1870-1917)*. 2007. Tese (Doutorado em História) – PPG/Unicamp, Campinas, 2007.
- _____. *Vestígios de civilização: a arqueologia do Brasil imperial (1838/1877)*. 2002. Dissertação (Mestrado) –Unicamp, Campinas, 2002.
- _____. Vestígios da raça americana: arqueologia, etnografia e romantismo no Brasil imperial (1838/1870). *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Campinas: Unicamp, 2001a.
- _____. Um bando de idéias novas na arqueologia. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo: MAE/USP, n. 11, p. 21-33, 2001b.
- _____. Arqueologia e geoestratégia: as fronteiras imperiais e o uso das fontes arqueológicas. In: *Arqueoweb*, disponível em: www.ucm.es/info/arqueoweb. Acesso em: 10 abr. 2001.
- _____. Vestígios de civilização: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a construção da arqueologia imperial (1838-

1870). *Revista de História Regional*, n. 4, v. 1, p. 9-36, 1999.

FERREIRA, M. C. L. *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre: UFRGS/Inst. de Letras, 2001.

FRANZINA, E. *A grande imigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. *Imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação de uma comunidade ítalo-brasileira*. Caxias do Sul: Educs, 2009.

FUNARI, P. P. A. Public archaeology in Brazil. In: MERRIMAN, N. (Ed.). *Public archaeology*. London; New York: Plenum Press, 2004. p. 202-210.

_____. *Arqueologia e patrimônio*. Erechim, Habilis, 2007.

GILCHRIST, R. Introduction: scales and voices in world historical archaeology. *World Archaeology*, n. 37, v. 3, p. 329-336, 2005.

GILROY, P. *O Atlântico negro*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008.

GIRON, L. S. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Caxias do Sul: Prefeitura Municipal; Educs, 1977.

GIRON, L. S.; BERGAMASCHI, H. E. *Terra e homens: colônias e colonos no Brasil*. Caxias do Sul: Educs, 2005.

GNECCO, C. La arqueología como discurso regulador. In: XIª REUNIÃO CIENTÍFICA DA SAB, 11., 2001, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 2001.

_____. Caminos de la arqueología: de la violencia epistémica a la racionalidad. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, Belém, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2009.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

HERÉDIA, V. B. M. O mito do imigrante no imaginário da cultura. *Métis História & Cultura*, Caxias do Sul: Educs. v. 4, n. 8, 2005, p. 233-244.

HODDER, I. Archaeological reflexivity and the “local” Voice. *Anthropological Quarterly*, v. 76, n. 1, p. 55-69, 2003.

IOTTI, L. O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatos consulares. Caxias do Sul: Educs, 2001.

KALRA, V. et al. *Diaspora & Hybridity*. London: Sage, 2005.

KRETZMANN, C. G. *Multiculturalismo e diversidade cultural: comunidades tradicionais e a proteção do patrimônio comum da humanidade*. 2007. Dissertação (Mestrado em Direito) – UCS, Caxias do Sul, 2007.

LARRAIN, J. El concepto de identidad. *Revista da Famescos*, Porto Alegre, n. 21, p. 30-42, 2003.

LIEBMANN, M.; RIZVI, U. Z. *Archaeology and the postcolonial critique*. Lanham: Altamira Press, 2008.

LIMA, T. A. Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: PUCRS, v. XXVIII, n. 2, p. 7-23, 2002.

LÓPEZ-AGUILAR, F. La noción de patrimonio entre lo local y lo global, una mirada al patrimonio cultural

arqueológico. *Revista de Arqueologia Americana*, n. 21, p. 155-169, 2002.

MACHADO, M. B. P. Caixas de memória. *Ciências e Letras – Rev. da Fac. Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 31, p. 297-305, 2001.

MACHADO, P. P. *A política de colonização do Império*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

MAESTRI, M. *Os senhores da Serra: a colonização italiana do Rio Grande do Sul (1875/1914)*. Passo Fundo: Ed. da UPE, 2005.

MARSHALL, Y. What is community archaeology. *World Archaeology*, v. 32, n. 2, p. 211-219, 2002.

MATTHEWS, C. N. Public significance and imagined archeologists: authoring pasts in context. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 8, n. 1, p. 1-25, 2004.

McMANAMON, F. P. Archaeological messages and messengers. *Public Archaeology*, v. 1, p. 5-20, 2000.

MENESES, U. T. B. de. Identidade cultural e arqueologia. In: BOSI, A. (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987. p. 182-190.

MESKELL, L. The intersections of identity and politics in archaeology. *Annuaire Rev. Anthropol*, n. 31, p. 279-301, 2002.

MOCELLIN, M. C. *Narrando as origens: um estudo sobre a memória mítica entre descendentes de imigrantes da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul*. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFRGS/IFCH/PPG, Porto Alegre, 1993.

_____. *Trajetórias em rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) –

Unicamp/IFCH/PPG em Ciências Sociais, Campinas, 2008.

MOORE-GILBERT, B. *Postcolonial theory: contexts, practices, politics*. London: Verso, 2000.

NAJJAR, R. Arqueólogos e comunidade: parceiros ou rivais? *Revista de Arqueologia Americana*, n. 21, p. 173-190, 2002.

NAUM, M. Re-emerging frontiers: postcolonial theory and historical archaeology of borderlands. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 17, p. 101-131, abr. 2010.

OLIVEIRA, R. C. de. *Caminhos da identidade*. São Paulo: Edunesp, 2006.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas, Pontes, 2000.

POSENATO, J. *Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul: assim vivem os italianos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educs, 1983. v. 4.

POSENATO, J. C. *A Babilônia*. Caxias do Sul: Maneco, 2006.

_____. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

_____. *A Cocanha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

_____. *O Quatrilho*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

PYBURN, K. A.; BEZERRA, M. Arqueologia em 5 tempi: reflexões sobre o workshop “Gerenciamento do Patrimônio Cultural-Arqueologia”, Goiânia, Brasil. In: LIMA FILHO, M.; BEZERRA, M. (Org.). *Os caminhos do patrimônio no Brasil*. Goiânia: Alternativa, 2006. p. 183-190.

REIS, J. A. dos; MACHADO, M. B. P.; MARQUES, O. R. Identidades, diáspora

e hibridismos: arqueologia histórica e imigração italiana no Sul do Brasil: experiências, experimentos (Caxias do Sul/RS – século XIX). *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, Belo Horizonte: Laboratório de Arqueologia/FAFICH/UFGM, v. 3, n. 1, p. 47-100, jan./jun. 2006.

RIBEIRO, C. M. P. J. Da fome à abundância: o estranhamento da comida do “paese di COCAGNA”. *Jornal Zero Hora – Suplemento 135 anos de cultura*. Porto Alegre, Sexta-feira, 25 jun. 2006.

_____. *Anotações de literatura e de cultura regional*. Caxias do Sul: Educs., 2005.

RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. *Caminhos e passos: aspectos históricos e culturais da área da usina hidrelétrica Machadinho*. Caxias do Sul: Educs, 2001.

_____. *Terra & gente: aspectos históricos, culturais e paisagísticos da área do AHE Quebra-Queixo*. Caxias do Sul: Educs, 2002.

_____. *Cultura, imigração e memória: percursos & horizontes: 25 anos do Ecirs*. Caxias do Sul: Educs, 2004.

_____. *Fronteiras sem divisas: aspectos históricos e culturais da área da Usina Hidrelétrica Barra Grande*. Caxias do Sul: Educs, 2005.

SAER, J. J. *As nuvens*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHÁVELZON, D. *Buenos Aires negra: arqueologia histórica de una ciudad silenciada*. Buenos Aires: Emecé, 2003.

SENATORE, M. X. *Arqueologia e historia en la Colonia Española de Floridablanca*. Buenos Aires: Teseo, 2007.

SEYFERTH, G. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: UnB, 1990.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

STRELOW, A. Pampa e cultura: o hibridismo cultural no Rio Grande do Sul. *Revista Elementa – Comunicação e Cultura*, Sorocaba, v. 1, n. 2, jul./dez. 2009.

SYMANSKI, L. C. P. O domínio da tática: práticas religiosas de origem africana nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, Belo Horizonte: Laboratório de Arqueologia/FAFICH-UFGM, v. 1, n. 2, p. 7-36, jul./dez. 2007.

TEDESCO, J. C. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: Ed. da UPF; Educs, Caxias do Sul, 2004.

TORO, A. de. Fundamentos epistemológicos de la condición contemporánea: postmodernidad, postcolonialidad en dialogo con Latinoamérica. In: TORO, A. de (Ed.). *Postmodernidad y postcolonialidad: breves reflexiones sobre Latinoamérica*. Madrid: Vervuert, Iberoamericana, 1997. p. 11-49.

WAQUANT, L. Mapeando o *habitus*. *Habitus*, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 11-18. 2004.

WOODWARD, K. (Org.). *Identity and difference*. London: Sage, 1997.

YOUNG, R. *Desejo colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.